

Conteúdo Temático: O Conto do Século XX –MIA COUTO (Moçambicano)

Mia Couto é um **nome literário**, pois o seu verdadeiro nome é António Emílio Leite Couto. Este nome literário foi-lhe dado pelo irmão mais novo que, por ser incapaz de pronunciar «Emílio», lhe chamava *Mia*.

Nasceu na cidade da Beira em 1955 e, como ele próprio diz, não tem uma «terra-mãe» mas uma «água-mãe», pois a cidade é frequentemente inundada pelo Oceano Índico.



Começou por estudar medicina, mas depressa se rendeu apenas ao jornalismo, tendo chegado ao lugar de Director de Informação de Moçambique. Mais tarde tirou um curso de Biologia e é hoje a sua profissão, para além da de professor e de escritor.

O primeiro livro publicado foi um de poesia, em 1983, *Raiz de Orvalho*. Depois, passou ao conto, às novelas e aos romances:

As suas preocupações: 1. Inventar uma nova maneira de falar, ou «falainventar» português. 2. Tratar dos problemas da vida quotidiana do Moçambique contemporâneo, fazendo «a mestiçagem entre o português «culto» e as várias formas e variantes introduzidas pelas populações moçambicanas». Ou seja, ter o prazer de “desarrumar a língua». 3. Combinar a sua escrita de maneira a ligar a tradição oral africana à tradição literária ocidental.

Algumas obras: Vozes Anotadas (1986), Cada Homem é uma Raça / Estórias Abensonhadas / Contos do Nascer da Terra / Na Berma de Nenhuma Estrada / O Fio das Missangas / Terra Sonâmbula / A Varanda de Frangipani / Mar Me Quer / Vinte e Zinco / O Último Voo do Flamingo / O Gato e o Escuro, Um Rio Chamado Tempo / uma Casa Chamada Terra / A Chuva Pasmada.

Com Mia Couto, a Língua torna-se divertida...

PERGUNTAS DE MIA COUTO À LÍNGUA PORTUGUESA

Perguntas à Língua Portuguesa

Venho brincar aqui no Português, a língua. Não aquela que outros embandeiram. Mas a língua nossa, essa que dá gosto a gente namorar e que nos faz a nós, moçambicanos, ficarmos mais Moçambique. (...)

(...)

No enquanto, **defendemos o direito de não saber, o gosto de saborear ignorâncias**. Entretanto, vamos criando uma língua apta para o futuro, veloz como a palmeira, que dança todas as brisas sem deslocar seu chão. **Língua artesanal, plástica, fugidia a gramáticas**.

Esta obra de reinvenção não é operação exclusiva dos escritores e linguistas. Recriamos a língua na medida em que somos capazes de produzir um pensamento novo, um pensamento nosso. O idioma, afinal, o que é senão o ovo das galinhas de ouro?

Estamos, sim, amando o indomesticável, aderindo ao invisível, procurando os outros tempos deste tempo. Precisamos, sim, de senso incomum. Pois, das leis da língua, alguém sabe as certezas delas? Ponho as minhas irreticências. Veja-se, num sumário exemplo, perguntas que se podem colocar à língua:

Se pode dizer de um careca que tenha couro cabeludo?

No caso de alguém dormir com homem de raça branca é então que se aplica a expressão: passar a noite em branco?

- A diferença entre um ás no volante ou um asno volante é apenas de ordem fonética?
- O mato desconhecido é que é o anonimato?
- O pequeno viaduto é um abreviaduto?
- Como é que o mecânico faz amor? Mecanicamente.
- Quem vive numa encruzilhada é um encruzilhéu?
- Se diz do brado de bicho que não dispõe de vértebras: o invertebrado?
- Tristeza do boi vem de ele não se lembrar que bicho foi na última reencarnação. Pois se ele, em anterior vida, beneficiou de chifre o que está ocorrendo não é uma reencarnação?
- O elefante que nunca viu mar, sempre vivendo no rio: devia ter marfim ou riofim?
- Onde se esgotou a água se deve dizer: "aquabou"?
- Não tendo sucedido em Maio mas em Março o que ele teve foi um desmaio ou um desmarço?
- Quando a paisagem é de admirar constrói-se um admiradouro?
- Mulher desdentada pode usar fio dental?
- A cascavel a quem saiu a casca fica só uma vel?
- As reservas de dinheiro são sempre finas. Será daí que vem o nome: "finanças"?
- Um tufão pequeno: um tufinho?
- O cavalo duplamente linchado é aquele que relincha?
- Em águas doces alguém se pode salpicar?
- Adulto pratica adultério. E um menor: será que pratica minoritério?
- Um viciado no jogo de bilhar pode contrair bilharzirose?
- Um gordo, tipo barril, é um barrilgudo?
- Borboleta que insiste em ser ninfa: é ela a tal ninfomaníaca?

Brincadeiras, brincriações. E é coisa que não se termina. Lembro a camponesa da Zambézia. Eu falo português corta-mato, dizia. Sim, isso que ela fazia é, afinal, trabalho de todos nós. Colocámos essoutro português – o nosso português – na travessia dos matos, fizemos com que ele se descalçasse pelos atalhos da savana.

Nesse caminho lhe fomos somando colorações. Devolvemos cores que dela haviam sido desbotadas – o racionalismo trabalha que nem lixívia. Urge ainda adicionar-lhe músicas e enfeites, somar-lhe o volume da superstição e a graça da dança. É urgente recuperar brilhos antigos. Devolver a estrela ao planeta dormente.

11/04/1997